

MEIO AMBIENTE: UM OLHAR TRANSPESSOAL

Ilidia da Ascensão Garrido Martins Juras*
Naira Tatsu**

RESUMO

A crise ambiental que assola o Planeta exige mudanças profundas nos valores, percepções e relacionamento do homem com a natureza. Entre as abordagens possíveis, encontra-se a Psicologia Transpessoal, que procura integrar o transcendental ou espiritual na dimensão pessoal e leva a mudanças de consciência. Este trabalho aborda a situação ambiental sob a visão da Psicologia Transpessoal, mais especificamente, da Abordagem Integrativa Transpessoal (AIT), que considera sete etapas de desenvolvimento psíquico. Assim, foram identificados os principais problemas ambientais, as medidas no plano internacional para reduzi-los ou mitigá-los e um panorama global associado às sete etapas da AIT. Por meio de pesquisa *ex post facto*, realizada por meio de questionário estruturado, procurou observar se há sensibilização diferenciada, em relação aos principais problemas ambientais identificados, em pessoas que frequentam ou frequentaram curso de Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal, Abordagem Integrativa Transpessoal, em comparação com a população em geral. Os resultados indicam algumas diferenças entre os grupos, embora não se possa afirmar que tais diferenças sejam decorrentes do curso. Indicam, ainda, que os participantes da pesquisa se encontram mais engajados em relação a atividades causadoras de degradação ambiental que governos nacionais e organismos internacionais nas ações de redução e mitigação dos problemas ambientais globais.

Palavras-chave: Psicologia Transpessoal. Abordagem Integrativa Transpessoal. Meio Ambiente. Sustentabilidade.

ABSTRACT

The global environmental crisis demands deep changes in the values, perceptions and relationship of man with nature. Among the possible approaches to deal with this challenge, there is Transpersonal Psychology, that aims to integrate transcendence or spirituality in the personal dimension and leads to changes of consciousness. This work addresses the environmental situation of the Planet under the perspective of

* Pós-graduando do Curso de Psicologia Transpessoal, Abordagem Integrativa Transpessoal, da ALUBRAT pela Faculdade Vicentina. [ilidia.juras@gmail.com].

** Orientador. Especialista em Psicologia Transpessoal, Abordagem Integrativa Transpessoal, da ALUBRAT pela FCE/SP. [naira.tatsu@gmail.com].

Transpersonal Psychology, more specifically, the Transpersonal Integrative Approach (TIA), which considers seven stages of psychic development. Thus, the main environmental global problems have been identified as well as the international measures to reduce or mitigate them and a global picture associated with the seven stages of TIA. The work also search for a differentiated sensitization, in relation to the main environmental problems identified, in people who have attended a postgraduate course in Transpersonal Psychology, Transpersonal Integrative Approach, compared to the general population, through *ex-post* research by a structured questionnaire. The results indicated some differences between the groups, although it could not be said that such differences are due to the course. They also indicated that the participants of the research are more concerned about activities that cause environmental degradation than national governments and international organisms in relation to actions to reduce and mitigate global environmental problems.

Keywords: Transpersonal Psychology. Transpersonal Integrative Approach. Environment. Sustainability.

1 INTRODUÇÃO

O mundo passa atualmente por várias crises, algumas com interconexões evidentes. Há, por exemplo, uma série de problemas ambientais que estão danificando a biosfera de forma alarmante e, talvez, irreversível, colocando em risco a própria existência humana no Planeta. Esses problemas, por sua vez, estão relacionados à extração de recursos naturais e à produção de resíduos, em níveis muito acima da capacidade da Terra, para atender ao consumo desenfreado de uma população que não para de crescer.

Alguns especialistas mostram que existem soluções, por vezes simples, mas que requerem profunda mudança de nossas percepções e de nossos valores – uma mudança de paradigma. Para Capra, “o novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas” (CAPRA, 2004, p. 25). Nessa linha, estão movimentos como a “ecologia profunda”, que tem origem na escola filosófica fundada por Arne Naess, no início da década de 1970 (CAPRA, *op. cit.*), a Ecopsicologia, corrente de pensamento lançada por Theodore Roszak em 1992, ano da Cúpula da Terra no Rio de Janeiro (CARVALHO, 2013), e a Psicologia Transpessoal, fundada por Maslow e outros em 1968 (SALDANHA, 2008).

A Psicologia Transpessoal relaciona-se especialmente com o estudo empírico e a implementação das metanecessidades individuais e da espécie, as quais, conforme Maslow (1994), consistem em devoção a ideais, a metas, a comportamentos inspirados por valores e necessidades de crescimento, valores éticos, estéticos, humanitários e altruístas e estão além das necessidades básicas para a manutenção da saúde.

O objetivo da Psicologia Transpessoal é o redimensionamento do ego pela ruptura da dualidade, permitindo que o ser humano que sofre possa renascer no ser humano sábio. Este vivencia a unidade cósmica e sente que é parte dela, ao mesmo tempo que a sente contida nele e percebe que há interdependência de todas as coisas e seres do Universo. Na Psicologia Transpessoal, não se exclui nem se invalida o pessoal, porém, por meio de práticas em estados que transcendem o ego, procura-se integrar o transcendental ou espiritual na dimensão pessoal. As transformações propostas constituem mudanças não apenas comportamentais e individuais, mas também nas relações consigo mesmo e com o outro, e implicam em mudanças de consciência.

A Abordagem Integrativa Transpessoal (AIT), proposta por Saldanha (2008), favorece a emergência dessa nova consciência e o desenvolvimento mais pleno do ser humano. A AIT é organizada em três aspectos fundamentais: o estrutural, o dinâmico e os procedimentos técnicos. O aspecto estrutural se refere aos principais conceitos teóricos (conceito de unidade, conceito de vida, conceito de ego, estados de consciência e cartografia da consciência), os quais estão relacionados entre si por meio do aspecto dinâmico, simbolicamente representado por dois eixos: o experiencial e o evolutivo. O eixo experiencial simboliza a integração de Razão, Emoção, Intuição e Sensação (REIS). A integração do REIS propicia o alcance de um espaço psíquico em que a consciência está mais desperta, representado pelo eixo evolutivo. O resultado da síntese entre os eixos experiencial e evolutivo é integrado na dimensão existencial do Ser, proporcionando sentido à vida. O indivíduo sente-se em profunda comunhão com o Universo (SALDANHA, 2008, p. 200-201). A AIT considera, ainda, sete etapas do processo psíquico: reconhecimento, identificação, desidentificação, transmutação, transformação, elaboração e integração.

Com o desenvolvimento pleno do ser humano, a sua relação com a natureza será mais harmônica, sentindo-se ele parte integrante dela. Da mesma forma que o desenvolvimento do processo psíquico pode ser aferido por meio das sete etapas da

AIT, também deve ser possível avaliar o engajamento ambiental por meio dessas etapas.

Assim, a presente pesquisa teve por objetivo mostrar a situação ambiental do Planeta e sua relação com a Psicologia Transpessoal, mais especificamente, com a Abordagem Integrativa Transpessoal (AIT). Os objetivos específicos foram: adaptar a classificação das sete etapas da AIT para a questão ambiental; identificar os principais problemas ambientais e traçar seu panorama global, considerando a classificação proposta; e observar se há sensibilização diferenciada, em relação aos principais problemas ambientais identificados, em pessoas que frequentaram curso de Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal, Abordagem Integrativa Transpessoal, em comparação com a população em geral.

2 O MEIO AMBIENTE SOB O OLHAR TRANSPESSOAL

A partir da caracterização das sete etapas da AIT estabelecidas por Saldanha (2008), é proposta a seguinte adaptação para a questão ambiental:

- Reconhecimento: constatação de que existe determinado problema ambiental;
- Identificação: o indivíduo ou a coletividade assumem sua responsabilidade pela degradação ambiental.
- Desidentificação: o indivíduo ou a coletividade percebem que não apenas fazem parte do problema ambiental, mas também podem fazer parte da sua solução.
- Transmutação: são avaliadas as alternativas que podem ser adotadas para reduzir a contribuição, individual ou coletiva, para a degradação ambiental.
- Transformação: ocorrem mudanças concretas em termos de reduzir a contribuição, individual ou coletiva, para a degradação ambiental.
- Elaboração: o sentido da mudança revela-se no contexto social e espiritual do indivíduo e da coletividade; o indivíduo percebe os benefícios da mudança para si, sua família e a comunidade. Há apreensão global da situação e das possibilidades e articulações em relação à redução da degradação ambiental.
- Integração: o indivíduo vislumbra outras ações de melhorias em seu entorno e na comunidade; há um novo olhar e um novo fazer; o horizonte e as perspectivas do indivíduo e da coletividade ampliaram-se e ninguém jamais será o mesmo. As

mudanças em relação ao meio ambiente integram-se na vida pessoal, profissional e cotidiana, do indivíduo ou da coletividade.

Os principais problemas ambientais foram identificados a partir de consulta a dados publicados por instituições ambientais e publicações especializadas. Para a classificação nas etapas da AIT, foram consideradas as medidas que vêm sendo adotadas no plano internacional, especialmente os diversos tipos de acordos e tratados, para solucionar tais problemas.

2.1 Reconhecimento e Identificação: Problemas, Causas e Consequências

Desde que surgiu na Terra, o homem tem-se revelado um agente poderoso de transformação do meio ambiente em que vive, para adaptá-lo às suas necessidades de alimentação e abrigo, essencialmente. Os marcos mais significativos das alterações provocadas pelo homem foram a descoberta do fogo e, sobretudo, a Revolução Industrial, que teve início no século XVIII, na Inglaterra, com a mecanização dos sistemas de produção, e a partir da qual o relacionamento entre o homem e o planeta que o sustenta passou por profunda mudança.

Embora os sinais de que algo não ia bem fossem logo sentidos por alguns grupos, foi apenas no final dos anos 1960 e na década de 1970 que surgiu o movimento ambientalista em todo o mundo, denunciando as ameaças aos sistemas ecológicos, representadas, principalmente, pela descoberta dos efeitos destrutivos causados por inseticidas e metais pesados, como o mercúrio, do risco da poluição provocada pela indústria e por práticas agrícolas modernas, além de derramamento de petróleo, assim como o aumento dos níveis de poluição transfronteiriça.

A gravidade dos problemas ambientais levou a Organização das Nações Unidas (ONU) a adotar algumas iniciativas, como a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA, em inglês, *United Nations Environment Programme – UNEP*) e a promoção de reuniões e estudos para tratar desse tema. Entre as reuniões, pode-se destacar a Conferência sobre o Ambiente Humano (Estocolmo, 1972), na qual se começou a discutir o conceito de desenvolvimento sustentável, como sendo "aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades" (ONU/Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1988). Em 1992, realizou-se a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente

e Desenvolvimento, a Rio-92, à qual se seguiram duas Conferências sobre Desenvolvimento Sustentável: em Joanesburgo, em 2002, e no Rio de Janeiro em 2012.

Entre os estudos solicitados pela ONU relacionados ao meio ambiente, destaca-se a avaliação das consequências que as mudanças nos ecossistemas trazem para o bem-estar humano, chamada Avaliação Ecosistêmica do Milênio (*Millenium Ecosystem Assessment - MEA*, 2005), que envolveu mais de 2000 especialistas em todo o mundo. O estudo concluiu que, dos 24 serviços ecosistêmicos (ou serviços ambientais) examinados, 15 estão sendo degradados ou usados de forma insustentável: capturas pesqueiras; produção de alimentos não cultivados; produção de lenha; recursos genéticos; medicamentos e produtos farmacêuticos naturais; suprimento de água doce; controle da qualidade do ar; regulação do clima local e regional; controle da erosão; purificação da água e tratamento de resíduos; controle de pragas; polinização; controle de perigos naturais; valores espirituais e religiosos; e valores estéticos (MEA, 2005). Apenas quatro serviços ecosistêmicos melhoraram nos últimos 50 anos do século passado, três dos quais envolvem produção de alimento: agricultura, pecuária e aquicultura. O quarto refere-se ao fato de os ecossistemas terrestres deixarem de ser fonte líquida de emissões de gás carbônico e passarem a ser sumidouro desse gás, melhorando, assim, o seu papel na regulação global do clima (MEA, 2005).

Rockström et al. (2009) propuseram uma abordagem baseada em “limites planetários”, que estão associados com os processos ou subsistemas biofísicos do Planeta, e definiriam um espaço seguro de operação para a humanidade em relação ao sistema terrestre. Eles identificaram processos e respectivos limiares, os quais, se ultrapassados, poderiam gerar alterações ambientais inaceitáveis. Segundo os autores, há evidências de que o uso global de água doce, a mudança no uso e ocupação do solo, a acidificação dos oceanos e a interferência com o ciclo global do fósforo encontram-se próximos dos limites estabelecidos, enquanto os limites já foram ultrapassados em relação à mudança do clima, à taxa de perda da biodiversidade e à interferência com o ciclo do nitrogênio (ROCKSTRÖM *et al.*, 2009).

A maior parte das alterações dos ecossistemas citadas resulta de atividades humanas destinadas a atender ao crescimento enorme da demanda por alimento, água, madeira, fibras e combustível, às quais podem ser acrescidas as originadas de atividades não diretamente relacionadas ao uso dos serviços ecosistêmicos, tais

como a construção de rodovias, portos e cidades, assim como a descarga de poluentes (MEA, 2005). Entre 1960 e 2000, a população mundial dobrou, passando de menos de 3 bilhões a 6 bilhões de pessoas, e a economia aumentou mais de seis vezes. Para atender a essa demanda, a produção de alimentos aumentou em cerca de 2,5 vezes, o uso da água dobrou, o corte de árvores para produção de papel e celulose triplicou, a produção de madeira aumentou mais da metade e a capacidade instalada de energia hidrelétrica dobrou (MEA, 2005). Entre outras consequências, destacam-se a perda da biodiversidade, numa taxa não vista desde o último evento de extinção em massa (ROCKSTRÖM *et al.*, 2009), e a mudança do clima, causada em especial pelo consumo de combustíveis fósseis, como carvão mineral, petróleo e gás natural, mas também pelos desmatamentos e queimadas.

Outras questões emergentes, típicas do mundo industrializado, envolvem o uso de substâncias químicas e produtos eletrônicos (Organização Mundial da Saúde – OMS = *World Health Organization* – WHO, 2017).

As substâncias químicas estão por toda a parte: no ar, na água, nos inúmeros objetos e aparelhos que usamos, nas roupas, nos brinquedos, nos produtos de higiene e limpeza, nos alimentos e nos medicamentos. Podem atuar como poluentes atmosféricos e contribuir com a chuva ácida, ou como gases de efeito estufa, ou ainda para reduzir a camada de ozônio; podem ainda contaminar a água e o solo. Os impactos incluem danos à vida silvestre, perda da produtividade agrícola, contaminação dos alimentos, exposição humana por ingestão de alimento ou por exposição direta a solo ou poeira contaminados (UNEP, 2012). Das cerca de 150 mil substâncias químicas registradas, as que mais geram preocupação são as persistentes e biocumulativas, entre as quais os metais pesados e os Poluentes Orgânicos Persistentes (POPs), os quais incluem vários pesticidas (UNEP, 2012).

O uso crescente de aparelhos eletroeletrônicos faz crescer a preocupação com os resíduos gerados, pois o descarte inadequado do chamado lixo eletrônico (*e-waste*) constitui tanto ameaça de contaminação do solo, da água e do ar quanto desperdício de recursos.

Aliado à toxidez, o descarte de certas substâncias no ambiente preocupa por sua demora em degradar, como é o caso dos plásticos. Estima-se que mais de 6,4 milhões de toneladas de resíduos alcancem os oceanos a cada ano, constituindo um problema econômico, ambiental, de saúde humana e estético extremamente complexo, além de multidimensional (UNEP, 2012).

Resta mencionar, por fim, a depleção da camada de ozônio da estratosfera, observada no fim dos anos 70 e atribuída ao uso de clorofluorcarbonos (CFCs). Essa camada tem papel importantíssimo para a vida na Terra, pois absorve a maior parte da radiação ultravioleta; o excesso dessa radiação pode causar queimaduras e levar a câncer de pele e danos aos olhos.

Nas Figuras 1 e 2, são apresentados os principais efeitos ambientais relacionados à produção de alimentos e à moradia e demais demandas humanas.

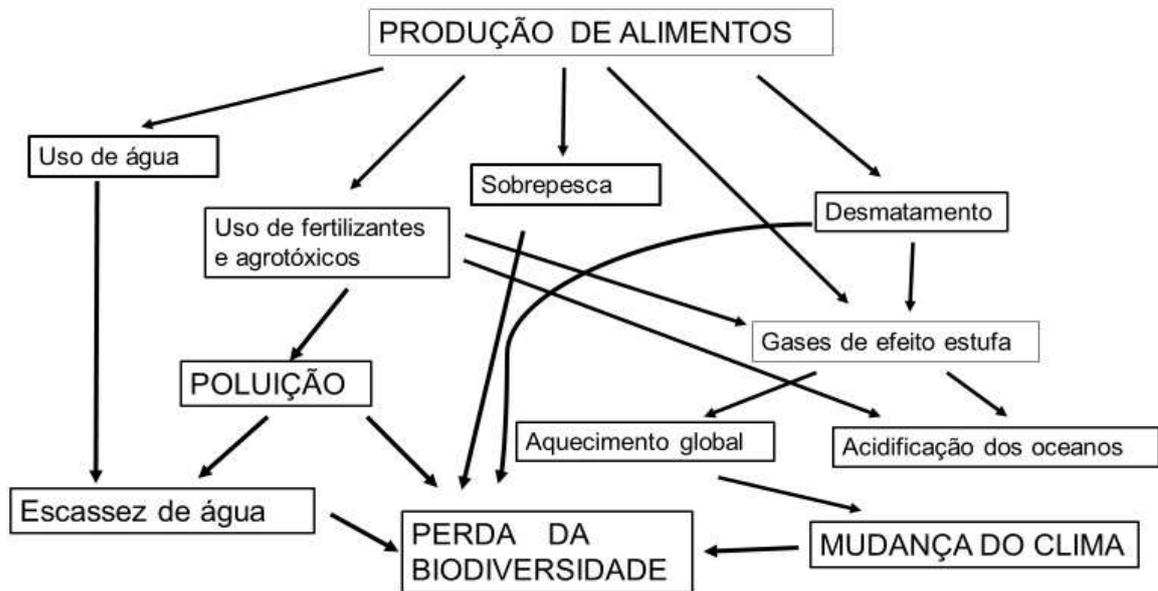


Figura 1. Efeitos ambientais da produção de alimentos.

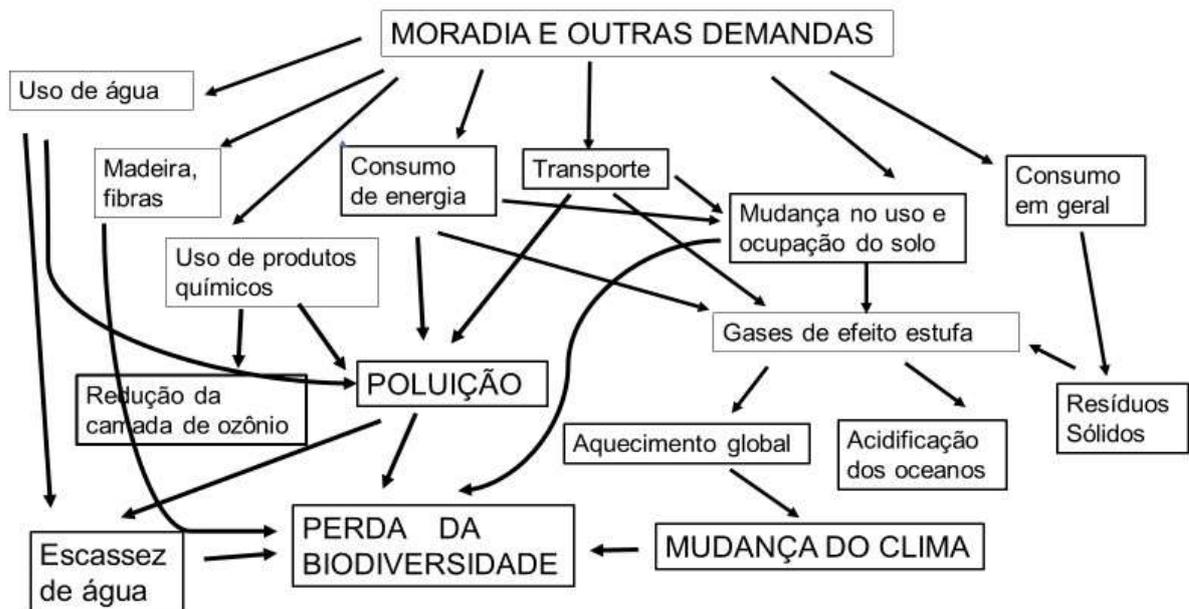


Figura 2. Efeitos ambientais da moradia e outras demandas humanas.

2.2 Desidentificação e Transmutação: Assumindo Responsabilidades e Procurando Alternativas

As conferências promovidas pela ONU constituíram marcos importantes para enfrentar os grandes desafios impostos pela crise ambiental. Da Conferência do Rio (1992), entre outros documentos, resultou a Agenda 21, um plano abrangente de ação destinado a promover o desenvolvimento sustentável, em escala planetária, até o século XXI. No documento, assinado por mais de 170 países, são propostas ações para resolver problemas cruciais relacionados a pobreza, condições da saúde humana, assentamentos humanos, poluição do ar e da água, desmatamento, desertificação, seca, redução da diversidade biológica, produção agrícola, recursos hídricos, resíduos e substâncias perigosas (CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1992).

Da Rio+10, realizada em 2002 em Joanesburgo, resultou o Plano de Implementação da Cúpula da Terra sobre Desenvolvimento Sustentável, o qual reafirma os compromissos com os princípios adotados na Conferência do Rio, a implementação completa da Agenda 21 e do Programa para a Implementação da Agenda 21, e o alcance das metas de desenvolvimento internacionalmente acordadas, incluindo as contidas na Declaração do Milênio, e estabelece metas e ações de forma a guiar a implementação desses compromissos (*WORLD SUMMIT ON SUSTAINABLE DEVELOPMENT*, 2002). Segundo o documento, a erradicação da pobreza, a mudança dos padrões insustentáveis de produção e consumo e a proteção e manejo dos recursos naturais são os objetivos maiores e requisitos essenciais para o desenvolvimento sustentável.

Da segunda Conferência realizada no Rio (2012), a Rio+20, resultou o documento *The Future We Want* (*UNITED NATIONS*, 2012), no qual se reafirmam os compromissos com o desenvolvimento sustentável assumidos anteriormente e se conclama a abordagens holísticas e integradas para o desenvolvimento sustentável, que guiarão a humanidade a viver em harmonia com a natureza e conduzirão a esforços para restaurar a saúde e a integridade do ecossistema Terra. O documento relaciona, entre outras, as seguintes áreas para ação: erradicação da pobreza; segurança alimentar, nutrição e agricultura sustentável; água e saneamento; energia; turismo sustentável; transporte sustentável; cidades e assentamentos humanos sustentáveis; saúde e população; promoção de emprego pleno e produtivo, trabalho

digno para todos e proteção social; mares e oceanos; redução do risco a desastres; mudança do clima; florestas; biodiversidade; desertificação, degradação do solo e seca; produtos químicos e resíduos; produção e consumo sustentáveis; mineração; educação; e igualdade de gênero e empoderamento das mulheres.

Mais recentemente, em 25 de setembro de 2015, a Assembleia Geral da ONU aprovou o documento *Transforming our World: the 2030 Agenda for Sustainable Development* (UNITED NATIONS, 2015). A Agenda 2030 considera que há desafios imensos para o desenvolvimento sustentável, entre os quais pobreza, desigualdades e disparidades de oportunidade, ameaças à saúde, desastres naturais mais frequentes e intensos, conflitos, extremismo, terrorismo e crise humanitária, que são exacerbados e acrescidos dos impactos adversos da degradação ambiental e da depleção de recursos naturais, incluindo desertificação, seca, degradação do solo, escassez de água potável, perda da biodiversidade e mudança do clima. A Agenda 2030 conclui que a sobrevivência de muitas sociedades e dos sistemas biológicos do Planeta estão em risco. Para proteger o Planeta contra a degradação, os países-membros comprometem-se a atingir 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, assim resumidos: erradicar a pobreza; fome zero; boa saúde e bem-estar; educação de qualidade; igualdade de gênero; água limpa e saneamento; energia acessível e limpa; emprego digno e crescimento econômico; indústria, inovação e infraestrutura; redução das desigualdades; cidades e comunidades sustentáveis; consumo e produção responsáveis; combate às alterações climáticas; vida debaixo d'água; vida sobre a terra; paz, justiça e instituições fortes; parcerias em prol das metas (BRASIL, ITAMARATY, 2016).

Além dos acordos e documentos abrangentes como os referidos, alguns avanços foram obtidos em temas específicos.

Um deles é a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), que entrou em vigor em 1993 e está estruturada sobre três bases principais: a conservação da diversidade biológica; o uso sustentável da biodiversidade; e a repartição justa e equitativa dos benefícios provenientes da utilização dos recursos genéticos (MMA, s/d). No âmbito da CDB, entre outros documentos, foi aprovado o Plano Estratégico de Biodiversidade para o período 2011-2020, com 20 metas (Metas de Aichi), organizadas em cinco grandes objetivos: tratar das causas fundamentais de perda de biodiversidade, fazendo com que as preocupações com a biodiversidade permeiem governo e sociedade; reduzir as pressões diretas sobre a biodiversidade e promover

o uso sustentável; melhorar a situação da biodiversidade, protegendo ecossistemas, espécies e diversidade genética; aumentar os benefícios de biodiversidade e serviços ecossistêmicos para todos; e aumentar a implantação, por meio de planejamento participativo, da gestão de conhecimento e capacitação (MMA, s/d).

A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (*UN Framework on Climate Change – UNFCCC*) entrou em vigor em 1994 e tem por objetivo promover ações voltadas à estabilização das concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera para evitar interferência antropogênica perigosa com o sistema climático. No âmbito da UNFCCC, foram assinados o Protocolo de Kyoto (1997) e o Acordo de Paris (2015). Este tem o objetivo de manter um aumento de temperatura global neste século bem abaixo de 2°C e envidar esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5°C acima dos níveis pré-industriais (*UN, SUSTAINABLE DEVELOPMENT KNOWLEDGE PLATAFORM, s/d*).

Em relação à poluição química, dadas as inúmeras substâncias e processos envolvidos, há vários acordos e tratativas em curso, sendo que o PNUMA desempenha papel de liderança nesse processo, além de colaborar com os governos, indústrias e organizações da sociedade civil para alcançar a meta de que, até 2020, os produtos químicos sejam utilizados e produzidos de forma que possam minimizar significativos efeitos adversos na saúde humana e no meio ambiente (UNEP, s/d). Entre os acordos em vigor, destacam-se: a Convenção de Basileia sobre o Controle do Movimento Transfronteiriço de Resíduos Perigosos e sua Disposição (1992); a Convenção de Roterdã sobre o Procedimento de Consentimento Prévio Informado Aplicado a Certos Agrotóxicos e Substâncias Químicas Perigosas Objeto de Comércio Internacional (2004); e a Convenção de Estocolmo sobre Poluentes Orgânicos Persistentes – POPs (2004). Em 2013, foi adotada a Convenção de Minamata sobre Mercúrio, que contava, em abril de 2016, com 128 signatários, mas com a ratificação de apenas 25 países.

Destacam-se, ainda, a Convenção de Viena sobre a Camada de Ozônio, em vigor desde 1988, e o Protocolo de Montreal sobre Substâncias que Destroem a Camada de Ozônio, em vigor desde 1989, e que determina a redução progressiva da produção e do consumo das substâncias que destroem a camada de ozônio até sua total eliminação. A Convenção de Viena e o Protocolo de Montreal tornaram-se os primeiros tratados no âmbito da ONU a alcançar ratificação universal (UNEP, 2017).

Em substituição às substâncias controladas pelo Protocolo de Montreal, passaram a ser usados hidrofluorcarbonos (HFCs), que têm o inconveniente de terem efeito estufa. Assim, em 2016, foi adotada a Emenda de Kigali ao Protocolo de Montreal, com o objetivo de eliminar os HFCs e, dessa forma, evitar o aumento de cerca de 0,5°C na temperatura global em 2100. Prevê-se que essa Emenda entre em vigor em 1º de janeiro de 2019, ou em 90 dias após a data de ratificação pela vigésima parte do Protocolo de Montreal (UNEP, 2017).

Há que mencionar, ainda, algumas iniciativas relacionadas a substâncias perigosas coordenadas pelo UNEP. Uma delas, em conjunto com a OMS, é a Aliança Global para Eliminar o Chumbo das Tintas (*Global Alliance to Eliminate Lead Paint*), uma vez que a exposição ao chumbo é causa de vários problemas, em especial a redução do potencial cognitivo em crianças. Em meados de 2015, 59 países possuíam restrições legais ao uso de chumbo em tintas; espera-se, com a Aliança, atingir a meta de que todos os países tenham restrições legais em 2020 (UNEP, 2017). O UNEP coordena, também: a Rede de Eliminação de PCBs (*PCB Elimination Network*), um mecanismo voltado a promover iniciativas para assegurar o manejo ambientalmente adequado dos PCBs, substâncias do grupo dos POPs; a Aliança Global para o Desenvolvimento de Alternativas ao DDT (*Global Alliance for the Development of Alternatives to DDT*), com o objetivo de encontrar e disseminar métodos e produtos alternativos ao controle de vetores.

2.3 Transformação, Elaboração e Integração: Pequenas Conquistas, Grandes Desafios

Em meio a tantos problemas e desafios na área ambiental, duas importantes conquistas devem ser mencionadas.

Uma delas é a quase completa eliminação do chumbo na gasolina. O Brasil foi um dos pioneiros dessa conquista, que teve início nos anos 80, quando começou a ser usado o álcool como aditivo à gasolina, substituindo, com muitas vantagens, o chumbo, o qual foi completamente eliminado da gasolina brasileira em 1992. Em 2002, 82 países ainda usavam o chumbo na gasolina, enquanto em 2016, apenas três o faziam (WHO, 2017). O desafio, agora, como mencionado, é a eliminação do chumbo nas tintas, tarefa já iniciada por 62 países.

A outra é relacionada à camada de ozônio, que parece ter-se estabilizado e, de acordo com evidências recentes, começa a recuperar-se, o que deve ocorrer completamente em meados deste século (WHO, 2017). Isso foi possível graças ao Protocolo de Montreal, que possibilitou a eliminação efetiva do uso de substâncias que a destroem a camada de ozônio (UNEP, 2016; WHO, 2017).

Deve-se acrescentar, também, o avanço obtido em relação às energias renováveis, que já são competitivas com as energias fósseis e constituem as principais fontes de energia em vários países em todo o mundo, o que é extremamente importante para o sucesso das políticas de mitigação das mudanças climáticas. No entanto, as políticas direcionadas a transporte, aquecimento e arrefecimento ainda são ineficazes, o que faz com que a evolução nesses setores seja muito lenta.

2.4 Síntese da situação

Os principais problemas ambientais identificados foram: mudança do clima; perda da biodiversidade (terrestre e marinha); interferência com os ciclos do nitrogênio e do fósforo; depleção da camada de ozônio da estratosfera; acidificação dos oceanos; uso global da água doce; mudanças no uso e ocupação do solo; poluição química; e carga de aerossol atmosférico. Excetuando-se este último, para o qual não há informações suficientes, as etapas da AIT correspondentes aos problemas são apresentadas no Quadro 1.

QUESTÃO AMBIENTAL / ETAPA DA AIT	RECONHECIMENTO	IDENTIFICAÇÃO	DESIDENTIFICAÇÃO	TRANSMUTAÇÃO	TRANSFORMAÇÃO	ELABORAÇÃO	INTEGRAÇÃO
MUDANÇA DO CLIMA			X	X			
PERDA DA BIODIVERSIDADE	X	X	X				
CICLOS DO NITROGÊNIO E DO FÓSFORO	X	X					
REDUÇÃO DA CAMADA DE OZÔNIO					X	X	
ACIDIFICAÇÃO DOS OCEANOS	X	X					
USO DE ÁGUA DOCE		X	X				
MUDANÇA NO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	X	X	X				
POLUIÇÃO QUÍMICA	X	X	X	X			

Quadro 1. As questões ambientais e as correspondentes etapas da AIT.

Observa-se que, à exceção da redução da camada de ozônio, que já está em fase de transformação e elaboração, os demais problemas ainda demandam esforço substancial dos governos nacionais e organismos internacionais.

3 UM OLHAR MAIS PRÓXIMO: MIRANDO AS PESSOAS

Nesta seção, procura-se observar se há sensibilização diferenciada, em relação aos principais problemas ambientais identificados, em pessoas que frequentam ou frequentaram curso de Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal, Abordagem Integrativa Transpessoal, em comparação com a população em geral.

3.1 Metodologia

Trata-se de pesquisa *ex-post facto*, realizada por meio de questionário estruturado e aplicado por meio de Formulário do Google¹. Não houve identificação dos participantes e, dos dados pessoais solicitados, o único usado para a separação dos grupos foi se o participante havia cursado ou estava cursando a especialização Psicologia Transpessoal, Abordagem Integrativa Transpessoal, (chamado Grupo Transpessoal – TP) ou não (Grupo Controle – NT). Do total de 88 participantes, 24 faziam parte do Grupo Transpessoal e 64 do Grupo Controle. A maior parte dos participantes estava na faixa entre 35 e 55 anos de idade (TP: 50%; NT: 48,4%) ou tinha mais de 55 anos (TP: 45,8%; NT: 35,9%), e declarou-se pertencer à classe A (TP: 41,7%; NT: 50%) ou B (TP: 29,2%; NT: 32,8%). Quanto à escolaridade, no Grupo Transpessoal, predominou a Pós-Graduação *lato sensu* (58,3%), seguida de Graduação (16,7%) e Mestrado (12,5%) ou Doutorado (12,5%); no Grupo Controle, Pós-Graduação *lato sensu* e Mestrado tiveram frequências semelhantes (29,7% e 28,1%, respectivamente), seguidos de Graduação (23,4%) e Doutorado (17,2%).

As questões iniciais referiam-se ao grau de informação sobre a degradação do meio ambiente; quais os problemas ambientais eram considerados relevantes pelo participante, de uma lista apresentada; e se considerava que os problemas ambientais estão relacionados às atividades humanas. Em seguida, deveria indicar qual(is) atividades considerava causadora(s) de degradação ambiental e, considerando essa resposta, se ela se considerava causadora de degradação ambiental (sim ou não). Se a resposta fosse “não”, o participante era direcionado ao final do questionário, para os

¹ Google Formulários: <https://docs.google.com/forms>.

dados pessoais e a conclusão. Se a resposta fosse afirmativa, era direcionado à questão seguinte, na qual deveria assinalar, para cada atividade considerada causadora de degradação ambiental, a alternativa que considerava mais adequada à sua situação no momento. As alternativas seguiram as etapas da AIT apresentadas na Seção 2.

3.2 Resultados e Discussão

A maior parte das pessoas se considerou razoavelmente informada a respeito da degradação ambiental (TP: 66,7%; NT: 54,7%) e o restante, bem informada (TP: 33,3%; NT: 43,8%); apenas uma se considerou nada informada.

Mais da metade dos participantes apontou todos os problemas ambientais da lista apresentada como relevantes (Fig. 3). Os que tiveram maior porcentagem na escolha, com mais de 90%, foram: desmatamento e escassez de água, em ambos os grupos; poluição da água, no Grupo Controle; e perda da biodiversidade, no Grupo Transpessoal. À exceção de desmatamento, poluição do ar e poluição da água, todos os problemas tiveram maior pontuação no Grupo Transpessoal, de forma mais acentuada em relação à acidificação dos oceanos.

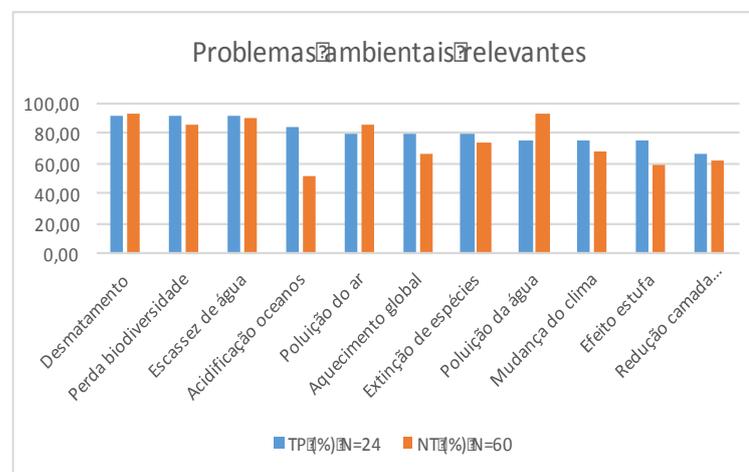


Figura 3. Problemas ambientais considerados relevantes pelos participantes.

Quanto às atividades consideradas pelos participantes como causadoras de degradação ambiental (Fig. 4), as quatro principais, com mais de 80% dos respondentes, foram: geração de lixo, uso de produtos químicos, mudança no uso e ocupação do solo e desmatamento e queimadas. As menos citadas foram alimentação e uso de plantas e animais silvestres. Estas últimas também foram as que apresentaram maior diferença entre os grupos: enquanto no Grupo Transpessoal,

foram citadas, respectivamente, por 50% e 45,83%, no Grupo Controle, os valores foram de 26,56 % e 28,13%, respectivamente.

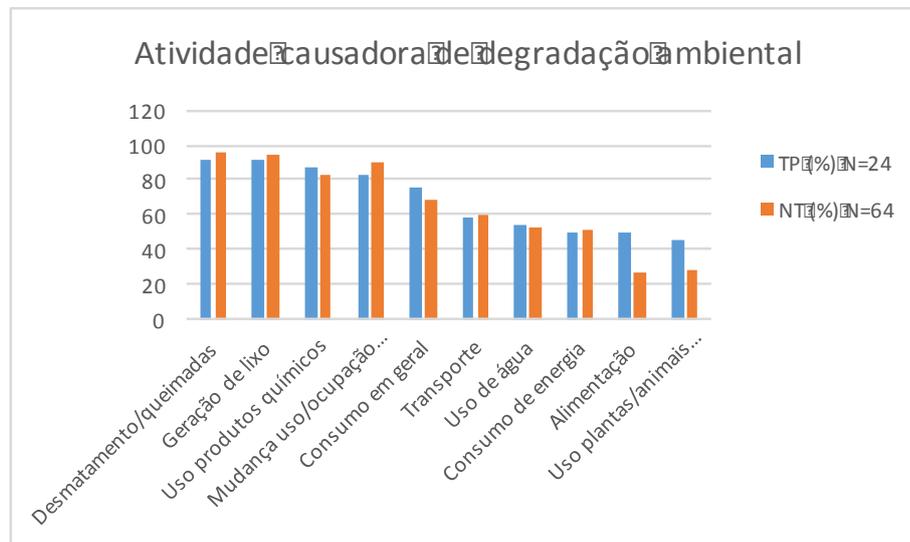


Figura 4. Atividade causadora de degradação ambiental.

Os resultados indicam que a percepção das pessoas pode estar ligada às informações recebidas, tanto na formação escolar quanto por meio da imprensa, que associam os problemas ambientais mais fortemente à poluição, no caso, resíduos e uso de produtos químicos, e à degradação, relacionada a desmatamento, queimadas e mudanças no uso e ocupação do solo. Ainda que as demais atividades também estejam vinculadas à degradação do meio ambiente, tal fato não é usualmente tão divulgado. A diferença entre os dois grupos relativa à alimentação e ao uso de plantas e animais silvestres pode ser explicada por maior sensibilidade do Grupo Transpessoal. Os dados não permitem concluir, todavia, se essa sensibilidade seria decorrente do curso Transpessoal ou não.

Em relação ao consumo de energia, deve-se ressaltar que a energia elétrica no Brasil é proveniente, em grande parte, de usinas hidrelétricas, sendo, portanto, energia renovável, ao contrário de países que usam combustíveis fósseis para essa finalidade. Assim, para muitos, essa seria energia limpa, o que estimularia a exploração do enorme potencial hídrico brasileiro. No entanto, como potencial hídrico ainda não explorado situa-se, em grande parte, na Amazônia, a construção de barragens e a formação de reservatórios levaria a grandes impactos ambientais. Fontes de energia renovável, como a eólica e a solar fotovoltaica, já são competitivas e devem ser mais exploradas no país.

Depreende-se que impactos ambientais do transporte sejam pouco percebidos pela população em geral, e pelos participantes da pesquisa, em particular. Além dos congestionamentos, notoriamente sentidos, as emissões de gases de efeito estufa e a poluição do ar, provenientes em grande parte do transporte rodoviário, parece serem desconhecidos ou considerados pouco relevantes pela população.

O Quadro 2 apresenta a classificação dos participantes (em %) quanto às etapas da AIT considerando as atividades causadoras de degradação ambiental. Deve-se ressaltar que o número de participantes do Grupo Transpessoal foi menor que o do Grupo Controle, o que pode prejudicar a análise, especialmente quando a diferença entre o número de participantes nos dois grupos foi acentuada.

ATIVIDADE CAUSADORA DE DEGRADAÇÃO AMBIENTAL / ETAPA DA AIT		RECONHECIMENTO	IDENTIFICAÇÃO	DESIDENTIFICAÇÃO	TRANSMUTAÇÃO	TRANSFORMAÇÃO	ELABORAÇÃO	INTEGRAÇÃO
ALIMENTAÇÃO	TP			16,7		33,3	25,0	25,0
	NT		5,9	17,6	17,6	23,5	29,4	5,9
USO DE ÁGUA	TP	15,4			30,8	15,4		38,5
	NT			11,8	20,6	52,9	11,8	2,9
CONSUMO DE ENERGIA	TP	8,3		16,7	33,3	25,0	8,3	8,3
	NT			18,2	21,2	48,5	9,1	3,0
GERAÇÃO DE LIXO	TP	13,6		13,6		31,8	18,2	22,7
	NT	8,3	3,3	20,0	13,3	35,0	13,3	6,7
CONSUMO EM GERAL	TP	11,1		11,1	11,1	33,3	16,7	16,7
	NT	2,3		18,2	27,3	34,1	13,6	4,5
TRANSPORTE	TP	7,1	7,1	42,9	28,6	14,3		
	NT	5,3	5,3	34,2	28,9	21,0		5,3
USO DE PRODUTOS QUÍMICOS	TP	19,0		23,8	19,0	9,5	9,5	19,0
	NT	11,3	11,3	13,2	20,7	18,9	22,6	1,9
USO DE PLANTAS E ANIMAIS SILVESTRES	TP	9,1	27,3	27,3		9,1	9,1	18,2
	NT	5,6	27,8	22,2	16,7	5,6	11,1	11,1
MUDANÇA NO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	TP	20,0	35,0	25,0		5,0	5,0	10,0
	NT	10,3	36,2	22,4	17,2	6,9	3,4	3,4
DESMATAMENTO E QUEIMADAS	TP	18,2	18,2	36,4	4,5		13,6	9,1
	NT	13,1	34,4	16,4	16,4	11,5	3,3	4,9

Quadro 2. Situação geral dos participantes nas etapas da AIT em relação a atividades causadoras de degradação ambiental.

Uma das consequências do número reduzido de participantes foi a variabilidade nos resultados obtidos. Apesar disso, algumas tendências podem ser observadas.

A alimentação foi a atividade com maior concentração de participantes nas etapas mais avançadas, especialmente no Grupo Transpessoal. De fato, observa-se tendência crescente de pessoas que aderem a dietas vegetarianas, mais radicais, ou, no mínimo, passam a consumir menos carne e, em grande número, dão preferência a alimentos orgânicos, bastante acessíveis atualmente à população de classe média em Brasília. Começam a entrar no mercado de Brasília produtos agrícolas oriundos de sistemas agroflorestais, que têm vantagem mesmo em relação aos produtos orgânicos pois não demandam irrigação e adubo.

Um segundo conjunto é representado pelas atividades uso de água, consumo de energia, geração de lixo e consumo em geral, em que predominaram as etapas de Transformação e Transmutação, com algumas exceções, como maior porcentagem, em relação ao uso de água, e parcela significativa, no que se refere à geração de lixo, na etapa da Integração no Grupo Transpessoal. São atividades que têm sido alvo de campanhas educativas nos últimos anos no País, seja pela necessidade de economia devido a crises de abastecimento, como no caso de água e energia, seja pelos efeitos deletérios às cidades e ao meio ambiente, pela disposição inadequada do lixo, relativas ao endividamento das famílias.

O transporte teve outro padrão, com a maior parte dos participantes na etapa da Desidentificação, seguida da Transmutação, em ambos os grupos. Como a maior parte dos participantes da pesquisa reside em Brasília, caracterizada por enormes distâncias a serem percorridas diariamente por seus habitantes e um sistema de transporte público extremamente precário e deficiente, o uso do automóvel é altíssimo. Isso com certeza explica o fato de haver predominado a fase de Desidentificação: os participantes estão conscientes do problema e querem mudar. Os que estão na Transmutação, também em grande número, devem estar avaliando as possibilidades: bicicleta, carona solidária, ônibus, entre outros.

No caso de uso de produtos químicos, observou-se distribuição mais equitativa dos participantes em relação às etapas, com pouca diferença entre elas. Um aspecto a considerar nessa questão é a sua complexidade pois seu uso está completamente disseminado e em toda a parte. Ademais, sua substituição, pelo consumidor, nem sempre é viável.

Do último conjunto, fazem parte: uso de plantas e animais silvestres, mudança no uso e ocupação do solo e desmatamento e queimadas. Nessas atividades, a concentração maior da distribuição dos participantes recaiu em etapas menos

avançadas: Identificação e Desidentificação. Esse fato é esperado, principalmente em relação às duas últimas atividades, uma vez que as ações que um cidadão urbano pode adotar, nesses casos, são mais indiretas, como boicotar produtos oriundos de atividades que causam essa degradação, por exemplo, que diretas. Trata-se de atividades que demandam a atuação principal dos órgãos de governo, por meio das políticas públicas e, assim, resta ao cidadão, novamente, fazer suas escolhas por meio da eleição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho atingiu o objetivo de mostrar a situação ambiental do Planeta, indicando os principais problemas e suas causas. Quanto à relação com a Psicologia Transpessoal, são especialmente pertinentes os conceitos de unidade e de vida, mas também o desenvolvimento de um ego saudável e a ampliação dos estados de consciência, permitindo que o ser humano vivencie a unidade cósmica, sinta-se parte dela e perceba a interdependência de todas as coisas e seres do Universo.

Especificamente em relação à Abordagem Integrativa Transpessoal (AIT), o objetivo foi parcialmente atingido, com a situação dos problemas ambientais em um intervalo, não exatamente em uma etapa delimitada. Deve-se ressaltar que os resultados apresentados refletem uma avaliação subjetiva, a partir da análise do que vem sendo feito, em termos internacionais, para equacionar ou minimizar os problemas ambientais.

Os principais problemas ambientais identificados foram: mudança do clima; perda da biodiversidade (terrestre e marinha); interferência com os ciclos do nitrogênio e do fósforo; depleção da camada de ozônio da estratosfera; acidificação dos oceanos; uso global da água doce; mudanças no uso e ocupação do solo; poluição química; e carga de aerossol atmosférico. Observa-se que, à exceção da redução da camada de ozônio, que já está em fase de transformação e elaboração, os demais problemas ainda demandam esforço substancial dos governos nacionais e organismos internacionais.

O objetivo de avaliar o grau de consciência ambiental da população em geral em relação aos principais problemas identificados foi atingido. Verifica-se que tanto o Grupo Controle quanto o Grupo Transpessoal têm conhecimento dos principais problemas ambientais e houve pouca diferença entre os grupos a esse respeito, sendo

a mais nítida em relação à acidificação dos oceanos, com maior frequência entre o Grupo Transpessoal. Também em relação às atividades causadoras de degradação ambiental houve similaridade entre os grupos, à exceção de alimentação e uso de plantas e animais silvestres.

Em relação à situação dos participantes quanto às atividades causadoras de degradação ambiental, observou-se alta variabilidade, assim como pouca diferença entre os grupos, o que pode ser atribuído ao número pequeno de participantes. A atividade alimentação foi a que apresentou maior parcela de participantes de ambos os grupos em etapas mais avançadas, enquanto para as atividades uso de plantas e animais silvestres, mudança no uso e ocupação do solo e desmatamento e queimadas os participantes situaram-se em etapas menos avançadas. Nas atividades uso de água, consumo de energia, geração de lixo e consumo em geral, predominaram as etapas Transformação e Transmutação, e, no transporte, a desidentificação. Esse aspecto pode estar relacionado ao maior ou menor controle do participante em relação à atividade, isto é, quanto está ao alcance individual ações que possam levar a modificações expressivas.

Pode-se inferir que, em geral, os participantes da pesquisa estão em etapas mais avançadas que governos e organismos internacionais.

Para o aprimoramento da pesquisa, uma possibilidade é que a aplicação do questionário ocorra no início e no final do curso de Psicologia Transpessoal, com o mesmo grupo, e, concomitantemente, em um grupo controle, com número equivalente de participantes e que tenham condições de escolaridade e classe socioeconômica semelhantes.

O trabalho teve o mérito de contribuir para divulgar os principais problemas ambientais do Planeta, que medidas estão sendo tomadas pelos governos nacionais e organismos internacionais e como a população está engajada em ações que possam reduzir ou mitigar esses problemas. Outra contribuição é a ligação entre a Psicologia Transpessoal e o Meio Ambiente, para que a consciência de que o ser humano é parte da Natureza não apenas desperte, mas se traduza em ações efetivas que contenham a crise ambiental em curso. Por fim, como resultado concreto da pesquisa, obteve-se um questionário para avaliar a consciência ambiental por meio das sete etapas da AIT, que pode ser aplicado, por exemplo, em cursos de educação ambiental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. ITAMARATY. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2016. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_desenvsust/ODSportugues12fev2016.pdf Acesso em: 9.mar.2017.

CAPRA, FRITJOF. **A teia da vida**. [Tradução de Newton Roberval Eichmberg]. 9ª Ed., São Paulo: Cultrix, 2004, 256p.

CARVALHO, MARCO AURELIO BILIBIO. **De Frente para o Espelho**: ecopsicologia e sustentabilidade. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Agenda 21**. Brasília: Coordenação de Publicações da Câmara dos Deputados, 1995 [1992].

MASLOW, Abraham Harold. **La amplitud potencial de la naturaleza humana**. 2ª ed. México: Trillas, 1990 (reimp 1994) 398 p.

MILLENIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT (MEA). **Ecosystems and Human Well-being**: Health Synthesis. Island Press, Washington, DC 2005. Disponível em: <http://www.maweb.org/en/index.aspx>

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Convenção da Diversidade Biológica**. s/d. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biodiversidade/convenção-da-diversidade-biológica>. Acesso em: 9.mar.2017

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) = UNITED NATIONS (UN). **The future we want**. Outcome document adopted at Rio+20 Conference on Sustainable Development. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.un.org/en/sustainablefuture/>

_____. **Transforming our world**: the 2030 Agenda for Sustainable Development. Resolution adopted by the General Assembly on 25 September 2015. [without reference to a Main Committee (A/70/L.1)] 70/1. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld> Acesso em: 9.mar.2017

_____. COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1988.

_____. SUSTAINABLE DEVELOPMENT KNOWLEDGE PLATFORM. **Climate Change**. s/d Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/topics/climatechange> Acesso em: 10.mar.2017

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE (PNUMA) = UNITED NATIONS ENVIRONMENTAL PROGRAMME (UNEP). **Global Chemicals Outlook**. Towards Sound Management of Chemicals: trends and changes. Synthesis Report for Decision-Makers. 2012. Disponível em: <http://web.unep.org/chemicalsandwaste/sites/unep.org.chemicalsandwaste/files/publi>

cations/GCO_SynthesisReport_EN.pdf Acesso em 6.mar.2017

_____. **Treaties and decisions.** 2017. Disponível em: <http://ozone.unep.org/en/treaties-and-decisions>. Acesso em 10.mar.2017

_____. **Sound management of Chemicals and Waste.** s/d/ http://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/14044/Fact%20sheet_Chemicals%20%26%20Waste.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 11.mar.2017

_____. OZONE SECRETARIAT. **Handbook for the Montreal Protocol on Substances that Deplete the Ozone Layer.** 10a. ed. 2016. Disponível em: <http://ozone.unep.org/sites/ozone/files/Publications/Handbooks/MP-Handbook-2016-English.pdf>. Acesso em: 11.mar.2017.

ROCKSTRÖM, JOHAN *et al.* Planetary boundaries: exploring the safe operating space for humanity. **Ecology and Society** 14(2): 32. 2009. [online] URL: <http://www.ecologyandsociety.org/vol14/iss2/art32/>

SALDANHA, VERA. **Psicologia Transpessoal:** abordagem integrativa: um conhecimento emergente em psicologia da consciência. Ijuí: Ed Unijui, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Inheriting a sustainable world?** Atlas on children's health and the environment. Geneva: World Health Organization; 2017. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254677/1/9789241511773-eng.pdf?ua=1> Acesso em: 8.mar.2017

WORLD SUMMIT ON SUSTAINABLE DEVELOPMENT – WSSD/ JOHANNESBURG SUMMIT. **Plan of Implementation of the World Summit on Sustainable Development.** Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/milestones/wssd> Acesso em: 9.mar.2017.